



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**MARISQUEIRAS DE ACAÚ: UM ESTUDO POPULACIONAL,
ECONÔMICO E PRODUTIVO**

ANNA CAROLINA PORTO GOMES

**AREIA-PB
2016**

ANNA CAROLINA PORTO GOMES

**MARISQUEIRAS DE ACAÚ: UM ESTUDO
POPULACIONAL, ECONÔMICO E PRODUTIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado do Curso de
Zootecnia no Centro de Ciências Agrárias
da Universidade Federal da Paraíba, como
parte dos requisitos para obtenção do título
de graduado em Zootecnia.

Orientador: Rosivaldo Gomes de Sá
Sobrinho.

**AREIA-PB
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**MARISQUEIRAS DE ACAÚ: UM ESTUDO POPULACIONAL,
ECONÔMICO E PRODUTIVO**

ANNA CAROLINA PORTO GOMES

**AREIA-PB
2016**

ANNA CAROLINA PORTO GOMES

**MARISQUEIRAS DE ACAÚ: UM ESTUDO
POPULACIONAL, ECONÔMICO E PRODUTIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado do Curso de
Zootecnia no Centro de Ciências Agrárias
da Universidade Federal da Paraíba, como
parte dos requisitos para obtenção do título
de graduado em Zootecnia.

Orientador: Rosivaldo Gomes de Sá
Sobrinho.

**AREIA-PB
2016**

ANNA CAROLINA PORTO GOMES

Orientador: _____

Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho
DCFS/CCA/UFPB

Examinador (a): _____

Ana Cristina Silva Daxenberger
DCFS/CCA/UFPB

Examinador (a) _____

EuriKo dos Santos Yogi
DA/CCAA/UEPB

LOCAL, ____/____/____

DEDICATÓRIA

Dedico às marisqueiras de Acaú e suas lutas, e a todas as mulheres da Cunha Coletivo Feminista, por todas as vivências, aprendizados e trocas de afetos.

AGRADECIMENTOS

Gratidão às Yabás, à minha mãe Yansã que me protege, me dar força e me guia, ao meu pai Ogun que não me deixou enfraquecer nos momentos que me senti mais frágil, a Oxalá por toda a proteção e bênçãos, aos Pretos Velhos e Pretas Velhas e aos Encantados.

Aos meus pais toda gratidão por toda a compreensão e amor, por serem meus melhores amores e amigos, por me mostrarem que nós temos responsabilidade no que acontece no mundo, e por me ensinarem a amar.

Ao meu companheiro Marcio, sou grata por me dar carinho, atenção, incentivo, por me ajudar a substituir palavras que se encaixariam melhor no texto, e por me levar a um bom coco de roda quando tudo parecia que ia dar errado.

Aos meus amores e amigos que não são tantos, mas são os melhores, sou grata por serem o que são e estarem sempre presentes alegrando, aconselhando, construindo e trocando chamegos, e me ajudando a ser o que sou, grata por fazerem parte de momentos tão leves e lindos dessa vida.

Toda admiração e dengo às mulheres guerreiras que me deram a oportunidade de ingressar nesse trabalho compondo a equipe da Cunhã Coletivo Feminista como estagiária no “Projeto Mulheres produzindo saberes e gerando renda” que deu origem a esse Trabalho de Conclusão de Curso, à Anadilza, Luciana Barbosa, Lucia Lira, Joana D’arc, imensa gratidão por dividirem comigo suas sabedorias.

As pretíssimas de lutas, Jô Pontes, Jô Oliveira, Laís Lacerda, a turbanteira Andréia, Mãe Durvalina de Yemanjá, companheiras da Abayomis Coletiva de Mulheres Negras da Paraíba, agradeço por estarem nessa minha vida terrena, agradeço por todas as trocas de chamegos, vivências, andanças e lindezas, por enegrecerem ainda mais meus dias, estaremos sempre em marcha lutando juntas até que todas as pretas tenham bem viver.

Aos educadores que tive a sorte de conhecer no meio acadêmico, sou grata por fazerem a diferença no meu caminho, ao meu orientador, Rosivaldo, em especial, e à professora Márcia Eugênia, Daniel Duarte e Manoel Bandeira pelo senso de humanidade e evolução. As benzedeiras, rezadeiras, agroecólogos, aos agricultores familiares, às marisqueiras, pescadoras, artesãs, sou imensamente grata por me mostrarem cores nesse mundo “cinza” do agronegócio meramente capitalista, e por me alimentar com nutrientes, com cultura e com energias boas para a alma.

Sou imensamente grata às marisqueiras, às belas guerreiras que me deixaram entrar em suas casas, em suas vivências, por me tratarem com tanto afago, por confiarem em mim, ainda sinto cheiro do marisco cozinhando no coco.

Aos sons que me fizeram companhia nesse quebra-cabeças de letrinhas. Ao mar, aos verdes das matas, aos ventos, às cachoeiras, sou grata por todas as forças naturais.

Por todas as lições e trocas, serei sempre grata.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. REVISÃO DA LITERATURA	17
3. MATERIAL E MÉTODOS.....	20
A) ÁREA DE ESTUDO.....	20
B) IDENTIFICAÇÃO DAS PROTAGONISTAS.....	21
C) “CHEGANÇA” NA COMUNIDADE.....	22
- DINÂMICAS E MÍSTICAS INICIAIS.....	23
- ESPAÇOS DE FORMAÇÕES/OFICINAS.....	26
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
- CADASTRAMENTO.....	27
- ASPECTOS SOCIAIS.....	28
- EXPOSIÇÕES DAS OFICINAS E ESPAÇOS DE FORMAÇÕES.....	40
- OFICINA DE CULTURA POPULAR.....	40
- OFICINA DE PLANO DE NEGÓCIO.....	42
- I ENCONTRO ESTADUAL DE MULHERES NEGRAS RUMO À MARCHAS DE MULHERES NEGRAS EM BRASÍLIA.....	53
- OFICINA DE AUTOESTIMA E IDENTIDADE ÉTNICA/MOBILIZAÇÃO CULTURAL.....	56
- MARCHA DAS MULHERES NEGRAS EM BRASÍLIA.....	58
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Banner do Projeto.....	22
Fotografia 2: Espaço Externo do Salão Paroquial de Acaú- Cadastramento.....	27
Fotografia 3: Espaço interno do Salão Paroquial- Cadastramento.....	28
Fotografia 4: Oficina de Cultura Popular com Vera Lima.....	42
Fotografia 5: Oficina de Plano de Negócio-Slide de apresentação de Dani Braz.....	50
Fotografia 6: Oficina de Plano de Negócio no Salão Paroquial.....	52
Fotografia 7: Marisqueira debulhando o marisco.....	52
Fotografia 8: Cozimento do marisco.....	53
Fotografia 9: Banner do 1º Encontro Estadual de Mulheres Negras Paraíba Rumo à Marcha/2015.....	54
Fotografia 10: Espaço de apresentação do Encontro.....	54
Fotografia 11: Mística de apresentação do Encontro.....	55
Fotografia 12: “Pequena” Marisqueira presente no Encontro.....	55
Fotografia 13: Oficina de Autoestima e Identidade Étnica.....	57
Fotografia 14: Momento do espaço de autoestima: O que há de belo na vida? O que há de belo em você?.....	58
Fotografia 15: Grupo do Coco das Marisqueiras na Comunidade de Acaú na Mobilização Cultural.....	58
Fotografia 16: Dança do Coco das Marisqueiras.....	58
Fotografia 17: Registro das representantes das Mulheres Negras da Paraíba na Marcha das Mulheres Negras 2015 em Brasília-DF.....	60

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa demonstra a RESEX Acaú-Goiana e a delimitação entre os estados de PB-PE	21
Mapa 2: Demonstra a demarcação da área da RESEX Acaú-Goiana.....	22
Mapa 3: Demonstra a delimitação da Reserva Extrativista Acaú-Goiana.....	22

LISTA DE TABELAS

- Aspectos Sociais.....	28
Tabela 1: Faixa Etária.....	28
Tabela 2: Informações sobre Naturalidade.....	29
Tabela 3: Raça/Cor.....	30
Tabela 4: Nível de Escolaridade.....	32
Tabela 5: Problemas de saúde mais citados.....	33
- Aspectos Profissionais e Econômicos.....	33
Tabela 1: Qualificação Profissional.....	33
Tabela 2: Trabalhos produtivos desempenhados pelas mulheres.....	35
Tabela 3: Renda Familiar.....	36
Tabela 4: Acesso a programas de transferência de renda de crédito.....	37
Tabela 5: Acesso a outros programas.....	38
Tabela 6: Destinos da produção.....	39

RESUMO

O presente estudo demonstra a importância socioeconômica da coleta de mariscos (*Anomalocardia brasiliiana*) ou mariscagem, e a organicidade das mulheres na Associação das Marisqueiras da Comunidade de Acaú, a qual está situada no município de Pitimbú no estado da Paraíba, onde se localiza a reserva extrativista (RESEX-Acaú-Goiana). O que se pretende nesse estudo é demonstrar o fluxograma da mariscagem exercida por mulheres organizadas em uma Associação, pontuar o fortalecimento que essa organicidade trouxe para a produção nessa comunidade, identificar o escoamento dessa produção. Todas as informações foram coletadas através de pesquisa-ação, em que foram usadas metodologias dinâmicas como rodas de diálogos, oficinas e atividades lúdicas para reflexões sobre temas diversos. Foram identificadas fortes características de hereditariedade dessa atividade para a comunidade, avanços para regulamentação da profissão, lutas por alcance de direitos sociais, econômicos e trabalhistas, e a funcionalidade da organização das marisqueiras em busca de qualidade de vida e trabalho através da Associação das Marisqueiras de Acaú(AMA).

Palavras-chave: coleta de mariscos; marisqueiras de Acaú; Associação de Marisqueiras de Acaú.

ABSTRACT

The present study demonstrates the socioeconomic importance of shellfish harvesting activity (*Anomalocarida brasiliiana*) and the organization of the women in the Acaú Shellfish Community Association, in the municipality of Pitimbú in the state of Paraíba – Brazil, where the extractive reserve is located (RESEX Acaú-Goiana). The purpose of this study was demonstrating the flowchart of the shellfish extraction done by women organized in the association, to point out the strengthening that this association brought to the production in that community, and also to identify the outflow of this production. Data were collected through research-action, in which dynamic methodologies such as dialogues, workshops, and playful activities were used for reflection about diverse themes. Strong characteristics of inheritance of this activity were identified at the community, such as progress in the regulation of the profession, struggles to reach social and labor rights, and the functionality of the organization of shellfish collectors for a better life quality and work condition through the Acaú Seafood Association(AMA).

Keywords: shellfish harvesting; shellfish of Acaú; Acaú Seafood Association.

1. INTRODUÇÃO

A Comunidade de Acaú é uma reserva extrativista (RESEX Acaú-Goiana) localizada no município de Pitimbú no litoral sul da Paraíba, na região metropolitana de João Pessoa. Pitimbú, segundo os locais é uma palavra indígena que significa “olho d’água do fumo”, o município já foi território tabajara e potiguar o que justifica este nome.

Criada em 26 de setembro de 2007, a Resex Acaú-Goiana é uma das 320 Unidades de Conservação federais geridas pelo Instituto Chico Mendes (ICMBio). Tem como objetivo proteger os meios de vida, garantir a utilização e conservar os recursos naturais renováveis, tradicionalmente utilizados pela população extrativista das comunidades de Acaú, Tejucupapo, Povoação de São Lourenço, Carne de Vaca e Baldo do Rio, localizados nos municípios de Caaporã (PB), Pitimbú (PB) e Goiana (PE) (ICMBio/2011).

É uma comunidade costeira de grande riqueza de biodiversidade e fica na divisa entre os estados da Paraíba e Pernambuco, assume características culturais e sociais de ambos os estados.

A mariscagem é uma das atividades de maior importância socioeconômica para a região, e tem sido repassada entre as gerações, podendo ser caracterizada como uma profissão de dimensão ancestral com grande representatividade ecológica, social e cultural a comunidade local.

As marisqueiras praticam a coleta artesanal de mariscos (*Anomalocardia brasiliiana*), siri (*Callinectes SP.*) e aratú (*Goniopsis cruentata*), mas também pescam diversificados tipos de peixes e outros diferentes frutos do mar dependendo da época do ano, todas as marisqueiras locais atualmente são beneficiárias da Associação de Marisqueiras de Acaú (AMA), estão inseridas em um contexto socioeconômico atual no qual influenciam no desenvolvimento e na geração de renda no território em que vivem.

A produção tem vários destinos, mas a maior parte da coleta do marisco ainda é para consumo próprio, é uma atividade majoritariamente exercida por mulheres, que vem se organizando através da AMA.

A Associação de Marisqueiras foi fundada em 2003, e possui 263 associadas, são mulheres de características afro-indígenas, com faixa etária diversa e que possuem extensas histórias de lutas por direitos, a maior parte dessas mulheres são marisqueiras e marisqueiras artesãs, as artesãs locais utilizam os resíduos sólidos do marisco para compor suas artes, também possuem outras tantas mulheres com outras qualificações profissionais.

São avós, mães, filhas, irmãs, que ensinam e aprendem a coletar mariscos de maneira artesanal desde a infância uma com as outras.

Este trabalho tem como objetivo analisar através de pesquisa-ação utilizando metodologias participativas, a vivência e as lutas das marisqueiras de Acaú e sua organicidade social, econômica e política, fazendo um breve recorte étnico racial no contexto de suas lidas nas marés. Afirmado a metodologia participativa, no decorrer do texto haverá falas das mulheres, essas falas estarão identificadas apenas pela primeira letra do nome de cada marisqueira.

Com relação à legalidade e o reconhecimento dessa profissão tradicional, a falta da regulamentação da atividade do marisco na região durante muito tempo pode estar associada com a negação de direitos dentro de um processo histórico para uma determinada parcela da sociedade brasileira, geralmente as atividades tradicionais e artesanais possuem esse empasse. Por isso é importante entender as ações que começaram a instigar a fomentação de espaço de auto-organização de mulheres, predominantemente afrodescendentes, em uma sociedade com face patriarcal e racista, inseridas em tantos contextos que tentam limitar as mulheres. É necessário então, destacar a luta e a organização das Marisqueiras de Acaú, dentro das grandes lutas por direitos das mulheres no estado da Paraíba.

O conhecimento da realidade dessas mulheres e sua organização na AMA se deu a partir da participação em um projeto na organização não governamental Cunhã Coletivo Feminista, que desempenhou um trabalho visando o fortalecimento da atividade produtiva e qualidade de vida das marisqueiras através do “Projeto Mulheres: produzindo saberes e gerando renda”.

2. REVISÃO DA LITERATURA

A RESEX Acaú-Goiana é uma reserva com grande riqueza de ecossistemas e consequentemente, biodiversidade, onde diversas práticas associadas à pesca e coleta ou catação artesanal de moluscos, crustáceos, peixes e frutos do mar fazem parte do cotidiano local.

O Marisco (*Anomalocardia brasiliiana*) é um molusco filtrador de textura proteica mole que apresenta duas metades de conchas, por isso são chamados de bivalves, esses moluscos são encontrados na baixa da maré, quando o volume menor de água formam crôas (bancos de lama) e esses moluscos ficam aparentes. Para as comunidades costeiras a biodiversidade dos manguezais garante atividades de grande importância socioeconômica, cultural, de subsistência e de hereditariedade para manutenção desses povoados. A coleta artesanal de mariscos é a prática mais comum e ancestral encontrada nesses lugares, tem como característica principal a subsistência, seguida de geração de renda, nessa prática os moluscos são retirados diretamente da natureza (RODRIGUES,2010).

O valor proteico dos alimentos produzidos pelas marisqueiras, a importância cultural dos mariscos para a indústria turística, o valor ecológico do sistema que exploram, a singularidade da organização da sua produção e reprodução social condicionada pelas fases da lua e pelo fluxo das marés, a longa jornada de trabalho no manguezal e as precárias condições de vida a que são submetidas são razões suficientes para torná-las beneficiárias de políticas públicas destinadas à promoção do trabalho feminino e de merecerem a atenção dos estudos antropológicos sobre a inserção da mulher no meio produtivo marinho (NEIM/IBAMA, op. cit., p.24).

Por muito tempo a legislação não permitiu o registro da mulher pescadora por não ser a profissão oficialmente reconhecida, alijando-a dos benefícios sociais garantidos pela previdência e do amparo aos direitos trabalhistas (NEIM/IBAMA 1995, p.11, citado por SANTIAGO; ACCIOLY, 2011).

É necessário entender algumas fraquezas dessa atividade, a falta de organização sempre foi um fator limitante para regulamentação da profissão, como já foi citado por outros autores, e com as marisqueiras de Acaú não foi muito diferente do processo de outras comunidades, essas mulheres também passaram muito tempo desamparadas legalmente, documentalmente e dignamente em uma atividade tradicional, essas marisqueiras, por exemplo, recorriam à Colônia de Pescadores, onde não eram devidamente assistidas e dessa

forma não garantiam seus direitos básicos como, aposentadoria, licença-maternidade, salário-desemprego, suporte financeiro na época de defeso ou na estação chuvosa de acordo com cada região. Essas mulheres sem vínculos organizacionais antes da AMA ficavam impossibilitadas de obterem os suportes necessários. Segundo o Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras (PEAC,2014), a falta de organização ainda é a realidade de grande parte das marisqueiras de diferentes lugares do país.

A infraestrutura básica para a coleta, beneficiamento com higiene e sanidade adequadas e comercialização dos moluscos ainda são precárias na região, o que dificulta as possibilidades de agregar valores ao produto. Como atualmente existem Normativas vinculadas ao extinto Ministério da Pesca e Aquicultura que indicam normas de beneficiamento do marisco, através da Associação em parceria e apoio de outros órgãos em alguns projetos que financiam e incentivam mudanças para qualificar essa produção, tem se buscado condições de adequação às regras para se alcançar melhoras nessa cadeia produtiva, e consequentemente melhores valores de vendas.

Sem acessos a direitos básicos essas mulheres ficam frágeis profissional e socialmente, é um trabalho que exige muito de cada uma delas, ficam expostas ao sol, à lama, e por isso apresentam estatísticas com relação a problemas específicos de saúde. A atividade exige uma atenção especial para saúde dessas mulheres, cuidados esses negligenciados pela saúde pública até o momento de conclusão do projeto e também desse trabalho.

Segundo Cabral, essa atividade torna-se característica de uma determinada face da sociedade, de grande importância sociocultural e econômica desses espaços habitacionais, as mulheres dentro desses locais são de extrema importância tanto para a manutenção dessa atividade, estando então muitas mulheres afro-indígenas envolvidas completamente com esse processo dentro dos territórios (Cabral,2007).

De acordo com relatos das marisqueiras sobre a origem das suas atividades na região de Pitimbú, tudo passou de mãe para filha e para neta, e teve seu surgimento por motivo de manutenção em busca de suprir a necessidade de alimento e sobrevivência no local que encontraram para viver.

Segundo P. : “- Se minha vó era preta e ensinou prá minha mãe, que também é preta, e que depois me ensinou, então isso é trabalho de preto”; afirmando então

Em uma sociedade marcada pela discriminação racial restou ao negro, após a abolição do trabalho escravo, o trabalho árduo, mal remunerado e considerado indigno pela população branca. Quando não, o abandono da população ex-escravizada à própria sorte, buscando, cada qual, a sua maneira e dentro das possibilidades, diferentes formas de continuar

vivendo. (DAXENBERGER E SÁ SOBRINHO, 2015). De acordo com os relatos e as observações nessa comunidade, a mariscagem se insere facilmente nesse contexto trabalhista pós-abolicionista, onde a população majoritariamente afrodescendente em busca de moradia e alimentos passam a ocupar locais geográficos estratégicos de sobrevivência como o manguezal, os mares e locais de grande biodiversidade que serviam para atividade extrativista.

Os contextos que geralmente levam essas comunidades a exercerem atividades extrativistas estão relacionados com a cultura, a hereditariedade, relação étnica, localização geográfica das comunidades onde vivem e a necessidade de sobrevivência, além de falta de outras oportunidades.

As políticas públicas implementadas tentam diminuir tamanha desigualdade, mas até alguns direitos alcançados andam ameaçados, devido a conjuntura política atual brasileira. Essas políticas públicas estão correndo sérios riscos, e todas as pessoas que dependem dessas políticas temem as perdas de acessos à esses direitos, essas perdas se estendem numa perspectiva lógica e evidente até os campos profissionais e de oportunidades de ascensão social principalmente para o povo preto e indígena.

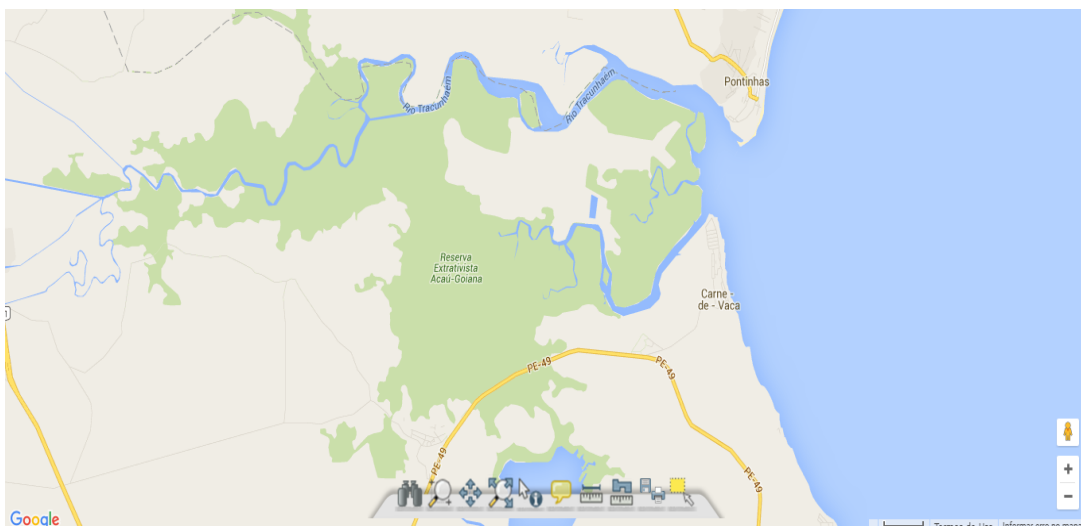
3. MATERIAL E MÉTODOS

a. ÁREA DE ESTUDO

A Comunidade de Acaú, está localizada no município de Pitimbu situado na região metropolitana de João Pessoa, no estado da Paraíba, na mesorregião da Zona da Mata Sul, microrregião do Litoral Sul, é um local de clima tropical e considerável presença de comunidade costeira, de latitude de 07° 28' 15" S e de longitude de 34° 48' 32" W altitude de 3m, Pitimbu conta com uma população estimada em 18,685 habitantes distribuídos entre uma área de 136,435 km². (IBGE/2015).

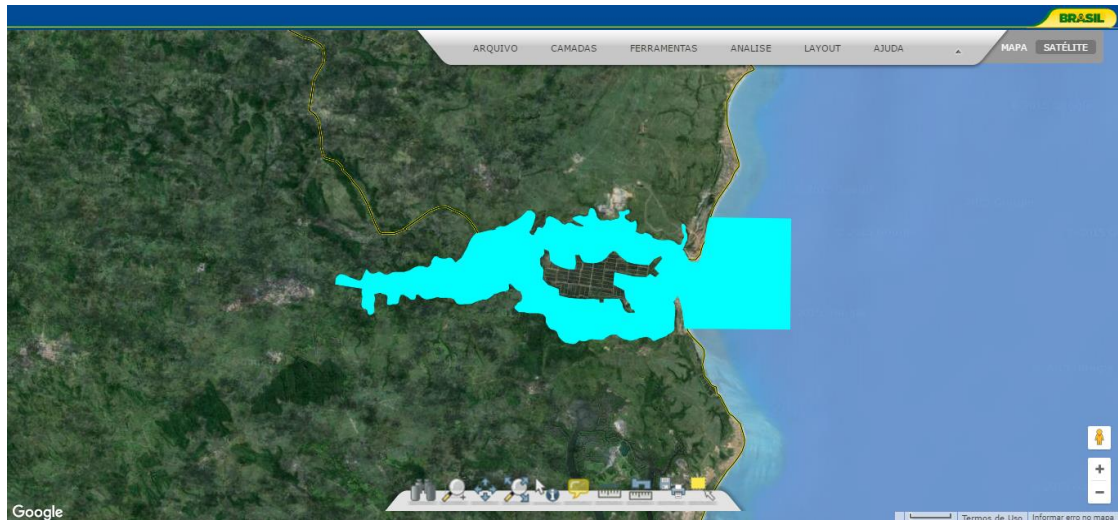
Com uma área de aproximadamente 6.678,30 hectares, a economia da unidade está relacionada à pesca e à coleta artesanal de recursos marinhos. Na Resex, é possível identificar fragmentos de Mata Atlântica nas áreas de limites com os canaviais e uma extensa área de Manguezal, entrecortada por manchas de Apicum nos estuários. Também existem fragmentos de Restingas na planície litorânea e nos Tabuleiros Costeiros, além dos Recifes de Corais em uma extensa formação conhecida como Pedra da Galé. (ICMBio, 2011).

Mapa 1: Mapa demonstra a RESEX Acaú-Goiana e a delimitação entre os estados de PB-PE



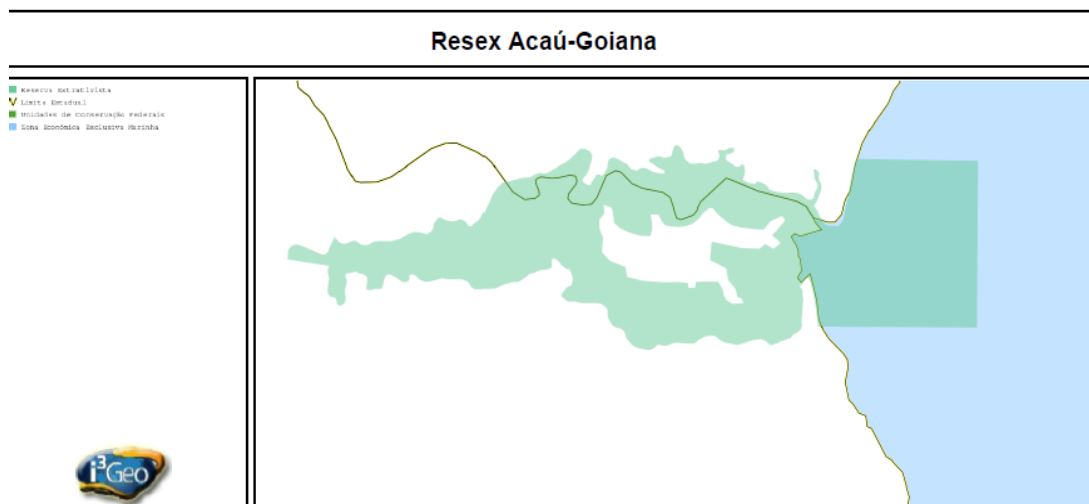
Fonte: <http://mapas.icmbio.gov.br/i3geo/icmbio/mapa/interno/home.html?0jf66qbojka1sauig91an1dim4>

Mapa 2: Demonstra a demarcação da área da RESEX Acaú-Goiana



Fonte: <http://mapas.icmbio.gov.br/i3geo/icmbio/mapa/interno/home.html?7odqc0g5fesmtlasgl218vhmu1#>

Mapa 3: Demonstra a delimitação da Reserva Extrativista Acaú-Goiana



b. IDENTIFICAÇÃO DAS PROTAGONISTAS

As marisqueiras inseridas na pesquisa desse trabalho foram identificadas nos espaços de formações durante o “Projeto Mulheres: produzindo saberes e gerando renda”, esse projeto foi realizado pela Organização não governamental Cunhã Coletivo Feminista, com o patrocínio do Programa Petrobrás Desenvolvimento e Cidadania na linha programática Geração de Renda e Oportunidade de Trabalho em parceria com o Centro da Mulher 8 de Março e o Instituto Chico Mendes.

É um projeto de extensão, que incluiu pesquisa e formações participativas com as mulheres que compõem a Associação das Marisqueiras. Porém esse trabalho dará mais destaque as abordagens e reflexões a determinados grupos que compõe a AMA, o primeiro é a equipe da cozinha do Centro de Comercialização da Agricultura Familiar de João Pessoa (CECAF-JP), essa equipe surge a partir da introdução do “Projeto Mulheres: produzindo saberes e gerando renda”; visando difundir a culinária local derivada das próprias coletas de frutos do mar e com isso gerar renda, a outra equipe destacada será das marisqueiras que catam o marisco nas marés, pois são elas que estão em maior número, e as outras mulheres são do grupo de artesanatos construídos com os resíduos sólidos dos mariscos. A Associação possui 263 associadas, mas nem todas participaram dos espaços de formações e reuniões, portanto, os números de participantes que tiveram dados coletados no cadastramento e no decorrer do projeto oscilam bastante.



Fotografia 1: Banner do Projeto

c. “CHEGANÇA” NA COMUNIDADE

“Chegança” foi um termo utilizado pelas marisqueiras para definir a chegada das componentes que iriam desempenhar atividades da Cunhã Coletivo Feminista na Comunidade, em se tratando de uma pesquisa-ação, com formações abrangendo diversos

assuntos, a forma de chegar faz muita diferença na evolução do grupo que vai trabalhar e o grupo que será trabalhado. Segundo (KUMMER, L, 2007) existem etapas indispensáveis a serem seguidas para o melhor entendimento dos participantes, e para melhor contato e captação de informações, sonhos, necessidades e prioridades desse público por parte de quem facilitam os espaços e pesquisa esse grupo, é necessário um primeiro momento para sensibilização e mobilização, seguido de um diagnóstico participativo, planejamento participativo, execução de atividades e projetos específicos, e por fim o monitoramento, avaliação, acompanhamento e replanejamento.

A pesquisa-ação se guiou através de observação e acompanhamento de todas as atividades, para uma troca mútua de saberes os espaços foram conduzidos em rodas de conversas, ocorreram espaços interdisciplinares em modo de oficinas com uma facilitação participativa referente aos temas, esse modelo faz com que o *feedback* tanto de aprendizagem quanto de nível de interesse e possíveis dúvidas sejam mais rápidos, eficientes, e mais palpáveis, e tentar sanar qualquer ponto que possa eventualmente ficar nas entrelinhas, a dinâmica participativa é outro método utilizado para sensibilizar ou dar fôlego ao grupo para seguir com as atividades.

Tempestade de ideias, mais conhecido como método Metaplan, tende a envolver melhor todas as pessoas nas discussões, com o uso de tarjetas, fichas, círculos usando cartolinas e outros materiais para expressar atividades, anseios ou ideias dos grupos, tudo ocorreu da forma mais coletiva e dinâmica possível.

- DINÂMICAS E MÍSTICAS INICIAIS

As dinâmicas e místicas iniciais são atividades de sensibilização para melhorar o trabalho em grupo, gerar entrosamento e fazê-las refletir de forma lúdica sobre temas que seriam trabalhados nas oficinas e espaços de formações.

- Primeira atividade dinâmica na oficina de Plano de Negócio

Em um dos espaços as mulheres foram incentivadas a utilizar cartolinas para desenhar algo que simbolizasse o sentimento delas antes e depois da formação das equipes para as atividades dentro da Associação.

Quando foram convidadas a comentar sobre o que identificaram nos desenhos no geral, cada uma respondeu com muita fluidez: T. descreve: *"Aprendi a trabalhar em grupo"*,

e prossegue: *“A N. antes era triste, agora tá sorrindo”*, quando é perguntada como ela se sentia, falou: *“Acho bom, é a realização do sonhos de todas.”*

F. falou que depois da formação do grupo; *“Tô trabalhando mais, produzindo mais”*, que, *“Aprendi a trabalhar com o grupo, que eu não sabia”*.

N. contou que, *“fiz vários cursos, antes não tinha ânimo com os cursos, eu era uma mulher parada, mas depois comecei a participar dos cursos com a Cunhã, comecei a me sentir útil e trabalhar, ir pra os movimentos.”*. Se referindo ainda à Cunhã, *“com vocês a gente começou com o projeto da cozinha, hoje as pessoas que gostam da nossa comida, gosta e volta.”*; *“Antes a gente não tinha direção, já melhoramos em grupo, mas ainda falta.”*; *“A Cunhã foi o pontapé inicial.”*; *“Tô começando a realizar algumas coisas que eu queria.”*; *“Antes eu era triste, agora eu me sinto feliz”*.

Nadir, presidenta da AMA, disse que, *“antes não tínhamos motivação, direção, nem base, depois do grupo vivemos mais felizes.”*; *“Antes não tinha base, era só uma ruma de tijolo, e hoje a gente tem uma estrutura, a estrutura ainda não tá completamente pronta, mas a gente agora tem uma base pra formar a casa.”*.

E. , falou que, *“no começo era complicado por que tinha gente que não se dava bem.”*; *“Me sentia um pouco triste, por conta das discussões, mas agora eu me sinto bem.”*; *“A gente fica lutando pra o grupo não cair.”*; *“A gente tá se reunindo toda semana, quase todos os dias, isso tem melhorado nossa relação e nosso trabalho com a cozinha, por que agora a gente senta e pensa pra fazer.”*

- Dinâmica Inicial na segunda Oficina de Plano de Negócio

Em outro espaço houve outra dinâmica, dessa vez utilizaram bolinhas, e começaram a escrever os problemas nas bolinhas e jogá-las para longe, as bolinhas dos problemas foram parar em vários lugares da sala, e a grande moral da história era indicar que os problemas não devem ser deixados no cantinho, nem tampouco pertence a uma só pessoa, é necessário que coletivamente busquem a resolução desses problemas para o bom andamento do próprio grupo.

Sobre a dinâmica expuseram: *“-Eu senti que o problema não me pertence. Me senti aliviada. O problema é nosso, assim... do grupo. A gente tem que sentar e resolver. Tirou apenas um pouquinho de vista, mas continua ali existindo.”*

Já em outro momento para a dinâmica inicial foram distribuídos entre as marisqueiras presentes animais dos gêneros masculinos e femininos que formavam pares,

esses nomes de animais foram escritos em um papel e colados nas costas das mulheres, que ao fim da dinâmica estariam todos com os seus devidos pares, a intenção era achar os pares sem falar uma com as outras, e notaram com isso que sempre mesmo que os componentes não falem, sempre surgirão formas diferentes de achar soluções e de se comunicar entre si, houve umas companheiras que ajudaram as outras companheiras a acharem seus pares, e essa mediação serviu de lição para concluir a dinâmica.

- Mística da Oficina de Auto Estima e Identidade Étnica

Na oficina de Auto Estima e Identidade Étnica, a mística inicial envolveu a circulação de um espelho, o objeto passou nas mãos de cada mulher, e para todas foram feitas duas perguntas, o que é belo na vida? O que é belo em você?

Sobre o que é belo na vida, uma das mulheres colocou que era a mãe dela que estava ao seu lado esquerdo na roda, disse que as maiores belezas da vida são o amor e família.

A maior parte das mulheres colocou como uma das belezas da vida a saúde, outras disseram que a força para trabalhar, outra falou que seu neto é o que há de mais belo na vida, outra disse ainda que é ter o que comer e coragem para trabalhar, as respostas foram as mais sensíveis possíveis.

Sobre o que é belo em você, foi realmente um momento de muita leveza e descontração, as respostas foram as mais variadas, umas disseram, eu sou toda linda, outras flertaram consigo mesma e elegeu os olhos como o mais belo, outras disseram que os seios era a parte do seu corpo que mais gostavam, outra disse que a sua coxa era a parte que achava mais bonita, outras disseram os cabelos, a boca, “a barriga”, as respostas foram sinceras e foi um momento de muita troca de sorrisos e elogios a si própria e as companheiras.

Uma mulher falou: “Eu sou toda linda e chique.” Outra: “Me acho toda linda, mas o que eu acho mais belo em mim é o meu cabelo”.

O objetivo do espaço tinha que ter uma construção em torno do empoderamento, afirmação, autonomia e pertencimento. Foi um momento lindo.

Como resultado, diria que muitas vidas durante o projeto foram ganhando novos sentidos, a AMA foi ganhando mais visibilidade e hoje essas mulheres se enxergam como uma equipe é importante essa percepção de grupo, de cuidados umas com as outras, de lutar juntos e conseguir a melhoria para todas.

- ESPAÇOS DE FORMAÇÕES/OFICINAS

Esses espaços foram preparados de acordo com a demanda geral das associadas, essas demandas foram listadas em diagnóstico participativo com a intenção de atender o máximo possível esse público com relação à melhoria da organização, beneficiamento do marisco, percepção de mercado e agregação de valor do produto, além de espaços específicos voltados para a autoestima e formação política das mulheres. As participantes desse diagnóstico demonstraram o desejo de organizar melhor tanto a estrutura da Associação, quanto a organização de atividades, comunicação e produtividade do grupo. Os espaços, oficinas e atividades circularam por diversos temas.

- Oficina de Cultura Popular;
- Oficina de Plano de Negócio;
- I Encontro Estadual de Mulheres Negras Rumo à Marcha das Mulheres Negras em Brasília;
- Oficina de Autoestima e Identidade Étnica;
- Mobilização Cultural;
- I Marcha das Mulheres Negras em Brasília – Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

- CADASTRAMENTO

Foram dois dias de cadastramentos, e contou com a presença de muitas mulheres da Comunidade, esse cadastro permitiu traçar o perfil socioeconômico dessas beneficiárias da AMA. O local de Cadastramento foi o salão da Paróquia da Comunidade.

De acordo com o formato de questionário socioeconômico aplicado pela Cunha Coletivo Feminista, os dados estão interligados em muitos contextos. Essas mulheres estão inseridas em situações sociais, familiares, culturais, profissionais e de formação educacional diversificados. Nem todas as mulheres responderam todas as perguntas, portanto, a quantidade de mulheres que responderam a um determinado dado, pode não corresponder à quantidade de mulheres que responderam outro dado.



Fotografia 2: Espaço Externo do Salão Paroquial de Acaú- Cadastramento



Fotografia 3: Espaço interno do Salão Paroquial- Cadastramento

- ASPECTOS SOCIAIS

TABELA 1: FAIXA ETÁRIA

Faixa	Quantidade
Entre 21 e 29 anos	94 mulheres
Entre 39 e 59 anos	13 mulheres
Acima de 60 anos	03 mulheres

De acordo com os números da tabela acima e com o que foi identificado ao longo dos encontros, vê-se uma grande quantidade de jovens na lida das marés, onde essa presença de mulheres jovens em sua maioria está associada ao grau de escolaridade, falta de outras oportunidades e outras dificuldades, pouca ou nenhuma qualificação profissional para ocupar outros cargos ou mesmo por ser uma atividade hereditária e essa jovem se permitir viver apenas essa realidade. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) as mulheres negras têm um índice maior de desemprego em qualquer lugar do país. A taxa de desemprego das jovens negras chega a 25%. Uma entre quatro jovens está desempregada. O que justifica uma presença tão significativa dessas marisqueiras entre as faixas etárias de 21 à 29 anos.

As mulheres de meia idade estão presentes, enquanto as mulheres idosas da Comunidade estão em minoria, mas são as que também possuem mais tempo na lida, mais experiências e deixam claro o aprendizado dessa atividade com suas mães e avós, entendem a ciência das marés e também dos mariscos, e são personagens de grande força e referência para as outras marisqueiras locais.

TABELA 2: INFORMAÇÕES SOBRE A NATURALIDADE

Paraíba	
Município	Quantidade de mulheres naturais
Pitimbu	30
Caaporã	18
João Pessoa	10
Alhandra	01
Aguiar	01
Cabedelo	01
São José dos Cordeiros	01
Pernambuco	
Município	Quantidade
Goiana	25
Recife	05
Igarassu	04
Outros municípios do estado	09

A maior parte dessas mulheres são naturais do município de Pitimbu no estado da Paraíba e adjacências, e algumas outras mulheres são de outros estados, sendo dos estados de Pernambuco, Alagoas, Ceará, Pará e Rio Grande do Norte. Essa Comunidade apresenta muita semelhança com o estado vizinho, não causa estranhamento levando em consideração a proximidade desses territórios, já que a

RESEX Acaú-Goiana se encontra na divisa entre os estados da Paraíba e Pernambuco. As burocracias quando são grandes costumam ser resolvidas em Goiana, que é o município mais próximo de Pitimbu do que a grande João Pessoa, como já foi mencionado devido à proximidade essa população demonstra semelhanças de sotaque, cultura, entre outras características.

TABELA 3: RAÇA/COR

Raça/cor	Quantidade
Se autodeclarou amarela	01 mulher
Se autodeclararam brancas	04 mulheres
Se autodeclararam pardas	33 mulheres
Se autodeclararam pretas	20 mulheres
Se autodeclararam morenas	27 morenas
Se autodeclararam morenas claras	10 morenas claras
Não informaram	15 mulheres

Acaú é um lugar de grandes influências genéticas e sociais dos povos afro-indígenas, mas no questionário nenhuma mulher se autodeclarou indígena, e de acordo com o que foi observado, existe certa resistência por parte de algumas mulheres para se autodeclarar negras, portanto é comum na região as mulheres se autodeclararem “morenas claras”, “morenas”, “moreninhas”, mas algumas se identificam e se enxergam negras.

Essa discussão étnica foi sendo abordada após o levantamento dos questionários e também após observações de ações nos encontros do projeto no que diz respeito à auto-afirmação racial, notou-se então a necessidade para a introdução do tema como atividade do projeto. Um comentário foi bastante analisado e considerado importante para se trabalhar o enegrecimento da ideia étnico-racial nessa Comunidade. Os recortes mais graves desses comentários identificados foram: “Vai lá pegar, mucama”, dizia uma preta para outra. “Essa mucama não faz nada que preste mesmo...”. Diante de um país e mídia que apela pelo “embranquecimento”, não há como fazer uma análise de culpa nessa fala, mas sentiu-se sem dúvidas a necessidade

da construção de um espaço para gerar uma perspectiva de “enegrecimento” nessas mulheres, para que o conhecimento sobre a negritude se expandisse além do processo da escravidão do povo negro.

"A dificuldade de se auto identificar como negra se dá devido à miscigenação que por muito tempo foi usada com o intuito de aproximar a população brasileira do que é tido como perfeito, ou seja, o mais perto do branco possível. Se ver negra é um fator importante para lidarmos com a branquitude e os meios vis que ela atua, porém devemos estar atentas para o racismo muito mais gritante, constante e agressivo que negras da pele mais escura passam. O fenótipo que mais se aproximar da raça negra será aquele mais execrado, o cabelo crespo por exemplo, bate de frente de forma contundente com tudo aquilo que é branco ou embranquecido. Existem violências raciais que pessoas de pele mais clara jamais sentirão, então reconhecer nosso lugar de luta é fundamental, ao lado de nossas irmãs igualmente negras nossa voz deve fazer um coro uníssono para lidarmos com o inimigo em comum, o racismo." (NEVES,2015)

O silenciamento étnico é massificado por uma mídia tendenciosa de longo alcance que “embranquece”, e costuma mostrar o povo negro em condição de subalternidade, logo essa perspectiva baseada em padrões europeus chega forte na comunidade, padrões esses que não abrangem todas as formas de belezas, afeta o processo de afirmação de identidade e a auto-estima dessas mulheres, assim como afeta o processo de re-conhecimento e importância da negritude para a construção do nosso povo. Para que essa mídia ou essas imposições sociais não gerem mais tanta desapropriação estética e cultural, ações com a finalidade de melhorar a auto-estima são necessárias, assim como as ações de afirmações identitárias dos povos afro-indígenas. Criou-se então dentro desse trabalho espaços para introdução do tema de identidade étnico-racial e auto-estima com essas mulheres.

TABELA 4: NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Escolaridade	Quantidade
Analfabetas	11 mulheres
Não concluíram o ensino fundamental	55 mulheres
Estudaram o ensino médio	19 mulheres
Concluíram o ensino médio	14 mulheres
Concluiu o ensino superior	01 mulher
Não informaram	18 mulheres

A vida dessas mulheres tem base no trabalho árduo, entre uma maré e outra, entre o cuidado com a casa e família, o beneficiamento dos mariscos.

Os dados sobre o nível de escolaridade, podem ser justificados por meio do conhecimento do tempo que a atividade do marisco consome dos dias dessas marisqueiras. A mariscagem é apenas uma das jornadas de trabalho dessas mulheres, de acordo com o cronograma essas trabalhadoras catam os mariscos, levam para casa para cozinhar e debulhar e fazem isso em consórcio com as tarefas domésticas, e o cuidado com a família, levam os filhos para a escola e vão buscar, possuem jornadas duplas ou até triplas de trabalho, de acordo com essa realidade não resta muito tempo para outras atividades, estudos ou qualificações.

A mariscagem não é considerada uma atividade com grandes retornos financeiros, isso com certeza dificulta o deslocamento, e inviabiliza de maneira geral acesso à serviços educacionais, entre incrementar a renda familiar ou optar em empregar o tempo em estudos, muitas optam por garantir uma renda melhor para sustentar a família. Como já foi dito, é uma atividade que demanda bastante tempo, essas mulheres vão a 2 ou 3 marés em um dia, e ainda precisam beneficiar o produto quando chegam em suas residências.

Apenas uma mulher possui formação acadêmica em Pedagogia, e se trata de uma mulher branca que possui vínculo com a Associação participando do grupo do artesanato das marisqueiras, mas não vai para a maré.

Segundo o Relatório de Estatísticas de Gênero – Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010, produzido pelo IBGE, as negras são menos escolarizadas, 6,71% concluíram o ensino superior, enquanto entre as brancas o índice é de 17,7%.

TABELA 5. PROBLEMAS DE SAÚDE MAIS CITADOS

Problemas mais frequentes de saúde
Coluna
Dermatológico
Ginecológico

A mariscagem é um trabalho com uma ligação direta com a natureza que pode implicar em inúmeras complicações a curto e longo prazo na saúde dessas mulheres, de todos os problemas que envolvem essa atividade os problemas que elas mais se queixam são com relação à saúde de suas peles, pois sempre estão expostas ao sol, entre os problemas que mais preocupam elas, os dermatológicos foram os mais citados, outra queixa é com relação a exposição à lama, acarretando em problemas ginecológicos, e de acordo com as posições que elas catam o marisco acabam causando incômodo nas articulações e provocando desgaste e dores na coluna. Infelizmente ainda não existe na Comunidade uma política voltada exclusivamente para a saúde dessas mulheres levando em consideração as especificidades dessa profissão. Visto isso, um dos espaços trabalhou com a temática da saúde da mulher.

- ASPECTOS PROFISSIONAIS E ECONÔMICOS

TABELA 1: QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Situação	Quantidade
Nunca passaram por capacitação	57 mulheres
Passaram por capacitação	37 mulheres
Não responderam	26 não responderam

Qualificação profissional	Quantidade
Organização de produção	01
Comercialização de produtos	01
Artesanato	14
Acesso ao mercado	01
Direitos da mulher	01
Culinária	07
Pedreira	01
Carpinteira	01
Empreendedorismo	02
Computação	02
Auxiliar de cozinha	01

De acordo com as inúmeras atividades que essas mulheres exercem em seus cotidianos, como já foi citado, muitas dessas mulheres não terminaram os estudos ou sequer tiveram tempo e oportunidade de fazer qualquer tipo de capacitação ou formação, o número de mulheres que nunca passaram por um momento de qualificação profissional é bastante expressivo. Poucas mulheres tiveram essa oportunidade e essa disponibilidade.

As mulheres que conseguiram passar por capacitação profissional fazem parte de um número ínfimo com relação ao número de mulheres associadas, mas esse número já pode expressar uma representatividade importante.

As mulheres que possuem qualificações possuem atribuições diversificadas, e essas mulheres tiveram acesso à momentos de capacitação através da AMA. A Associação possibilitou-lhes participar de reuniões políticas no estado, e dessa forma foram galgando algumas oportunidades novas, passaram a participar dos encontros da Rede de Mulheres, da Articulação de Mulheres Brasileiras, e tiveram contato também com a Organização não-governamental Cunchã Coletivo Feminista e Conferências Territoriais da RESEX, o que tem levado essas mulheres a terem acessos a diversos espaços de formação política, econômica, social e profissional.

As mulheres que obtiveram a qualificação de culinária compõem a equipe da cozinha da AMA que atua no Centro de Comercialização da Agricultura Familiar (CECAF-JP). A mulher capacitada em carpintaria, também se capacitou como pedreira para conseguir construir sua própria casa.

Para se ter uma ideia do cenário enfrentado pela mulher negra brasileira, dados publicados em 2012 pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) mostram que são 498.521 empregos formais de mulheres negras contra 7,6 milhões de mulheres brancas e 11,9 milhões de homens brancos.

Segundo dados do IBGE entre os anos de 2000 e 2010, especialmente na educação e na participação no mercado de trabalho, não foram suficientes para trazer a população feminina negra a patamares próximos das mulheres brancas. (IBGE)

TABELA 2. TRABALHOS DESEMPENHADOS PELAS MULHERES

Atividades desempenhadas pelas mulheres	Quantidades
Artesanato com o resíduo sólido do marisco	14
Trabalham como cozinheiras	06
Empregadas domésticas	05
Donas de casa	02
Pescadora	01
Parteira	01
Auxiliar de cozinha	01
Faxineira	01
Vendedora	01
Marisqueiras e donas de casa	90

Em maior número dentro da Associação o trabalho produtivo mais desempenhado pelas mulheres é a mariscagem conciliado com o trabalho doméstico, mas existem outras atividades que são desempenhadas por essas mulheres.

As mulheres que trabalham como cozinheira são as mesmas mulheres citadas na tabela acima, e desempenham esse trabalho no CECAP-JP, as mulheres artesãs, são as mulheres que trabalham com os resíduos sólidos dos mariscos, e outros materiais. A pescadora relatou que a atividade da pesca surgiu acompanhando o marido que é pescador, desde então desempenha a mariscagem e a pesca. A vendedora tem um negócio local onde vende produtos de confecção própria, objetos para presente e produtos de cama, mesa e banho em sua própria residência. A parteira é uma das mais velhas da Comunidade, é uma das marisqueiras com mais experiência e tempo de lida, e relata que aprendeu a atividade observando uma parteira mais antiga, e com a prática gerada pela necessidade na hora da emergência, já que as maternidades mais próximas estão em Goiana-PE à cerca de 46km e João Pessoa à cerca de 55km do município de Pitimbú .

Ainda com relação aos dados sobre as atividades exercidas por essas mulheres, é importante frisar que, a qualidade do trabalho também é distante, elas são maioria entre as que exercem empregos vistos como subalternos, e entre as que trabalham sem carteira assinada e minoria entre as empregadoras.

O Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) ainda aponta que as mulheres negras estão em maior número nos empregos mais precários. 71% das mulheres negras estão nas ocupações precárias e informais; contra 54% das mulheres brancas e 48% dos homens brancos.

TABELA 3. RENDA FAMILIAR

Renda	Quantidade de famílias
Entre R\$35,00 a 100,00	21
R\$394,00 (menos da metade de um salário)	38
Entre R\$400,00 a 560,00	07
R\$734,00	04
Acima do salário	01

- A tabela acima demonstra as taxas de renda de acordo com o salário mínimo do ano de 2015.

Observando os dados de tabelas acima, afirma a informação contida no quadro que retrata o nível da renda familiar aliada a um baixo nível de escolaridade diante de nenhuma capacitação ou qualificação, se torna difícil grandes rendas levando em consideração o contexto econômico e social que essas mulheres da Comunidade estão inseridas.

A única mulher que apresenta renda familiar acima do salário é a única mulher que possui formação no ensino superior.

Algumas poucas mulheres que apresentam uma renda razoável com relação à maioria, chegando à quase um salário mínimo são aquelas que possuem ajuda dos companheiros, ou aquelas que conseguem comercializar sua produção para empresas. Algumas dependem de uma comercialização incerta ou de programas do governo de transferência de crédito para sobrevivência.

Segundo o IBGE 2010, rendimento mensal da mulher negra brasileira (R\$ 726,85) equivale à metade do das brancas (R\$ 1396,32) e a 1/3 do dos homens brancos (R\$ 2086,41). A situação se inverte quando se trata de contribuição em relação ao rendimento familiar. As negras entram com 42% contra 39,7% das brancas.

TABELA 4. ACESSO A PROGRAMAS DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA DE CRÉDITO

Programa	Quantidade
Bolsa Família	77 beneficiárias
Bolsa Verde	24 mulheres acessam
Não informaram	25 mulheres

Quanto aos programas do governo de transferência de crédito se observa que muitas dessas mulheres são beneficiárias de alguns desses programas, algumas só conseguem sobreviver devido à essas políticas, esses programas do governo que beneficiam cidadãos andam ameaçados devido à conjuntura atual do país, isso quer dizer que essas mulheres correm sérios riscos de perdas de direitos que tanto lutaram para conseguir. O Programa Bolsa

Família é o programa mais acessado entre esse público da AMA, o Programa Bolsa Verde, é outro benefício acessado, e tem o objetivo de manter as marisqueiras no período de defeso e no período chuvoso.

Quase 70% dos domicílios que recebem Bolsa Família no país são chefiados por negros, afirma pesquisa pela SPM (Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres), Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e Unifem (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher).(Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres,2008).

TABELA 5. ACESSO À OUTROS PROGRAMAS

Outros programas	Quantidade
Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)	25 mulheres acessam
Crédito amigo	03 mulheres acessam
Adoção	04 mulheres são beneficiadas

Outros Programas acessados são o Programa de Aquisição de Alimentos, que com a exclusão recente do Ministério do Desenvolvimento Agrário corre grandes riscos de continuar sua implementação é a oportunidade que algumas dessas mulheres possuem de escoar sua produção para instituições sustentadas pelo governo, o Crédito Amigo, é outro programa acessado, e funciona como um empréstimo, algumas marisqueiras já utilizaram desse meio para melhorar seu trabalho, “*Graças ao Crédito Amigo, eu dei um jeitinho de organizar minha carrocinha para carregar meus mariscos, e também ajeitei meu caico pra ir pra maré*”, disse P. . Algumas outras mulheres infelizmente apresentam uma renda tão ínfima que ainda dependem de doações de algumas pessoas para conseguirem se manter. De acordo com um pouco vivenciado do cotidiano dessas mulheres se observa a diferença que mesmo sendo pouco, esses programas apresentam para a sobrevivência dessas catadoras de marisco, é realmente triste pensar que alguns direitos já adquiridos através de sua organização AMA em parceria com o governo andam ameaçados.

TABELA 6. DESTINOS DA PRODUÇÃO

Destino	Quantidade
Fica na própria comunidade	61
Atravessadores	31
Feiras	12
Vende por encomenda	25
Vende para empresas	02
Próprio consumo	Todas

A produção tem destinos diversos, a maior parte fica na comunidade ou para consumo próprio ou para comercialização na própria casa, a segunda maior parcela é comprada por atravessadores que costumam pagar pouco por essa produção, uma marisqueira relatou vender um quilograma por R\$0,90 centavos ao atravessador, o que desvaloriza esse retorno financeiro. Poucas vendem para empresas, mas em compensação essas mulheres abastecem o mercado local com suas produções, alguns restaurantes e pessoas físicas, por conhecerem a região e a tradição local, fazem encomendas, outro destino são as feiras da região.

Com a conclusão de todas as propostas que está contido no projeto em que as marisqueiras participam, haverá por fim uma cozinha de beneficiamento em Acaú, que será implementada com vários intuitos, mas principalmente melhorar a qualidade do beneficiamento do marisco, afim de agregar valores ao produto. Dessa maneira o papel do atravessador fica ameaçado nesse processo, pois com a melhoria da qualidade do produto, outras propostas de mercado consumidor irão surgir.

Crê-se que em um futuro bem próximo essas mulheres terão destinos de produção mais rentáveis que os atuais.

- EXPOSIÇÃO DAS OFICINAS E ESPAÇOS DE FORMAÇÕES

- OFICINA DE CULTURA POPULAR

Essa oficina teve a facilitação de Vera Lima, poeta, cantadora, instrumentista e grande conhecedora da cultura popular, a oficina ocorreu em uma tarde bem ensolarada, e teve uma participação da maior parte das mulheres associadas. O objetivo dessa oficina foi conhecer a cultura que essas mulheres já possuem, apresentar novas expressões de danças e ritmos, e fomentar espaços de Mobilização Cultural local.

A ciranda foi escolhida como ritmo para dinâmica inicial dessa oficina.

Devido às religiões praticadas, diversas mulheres ficaram de fora das danças e poesias cantadas.

Busco-se na vivência entender o motivo que fazia essas mulheres optarem não participar dos espaços de danças, as mulheres trouxeram questões como: “O pastor da minha igreja não deixa”; “A minha religião não permite”; “O povo da minha igreja critica”; Quando questionadas sobre o que achavam dessas frases que elas haviam dito, disseram: “É que a dança do coco tem tambor, né? É por isso que não pode”; “É que tem gente que diz que não é de Deus”. A religião Cristã Evangélica é a mais praticada na Comunidade, e pareceu construir sérios preconceitos com a cultura negra e suas expressões. O grupo de coco de roda já existiu e com muitas representantes, mas com a evasão devido a essas questões religiosas, o Grupo Folclórico que as mulheres faziam parte quase se extinguiu.

Notando essa problemática com relação ao silenciamento cultural, houve então uma explanação sobre a importância da cultura para a manutenção da identidade das comunidades, a beleza da cultura negra e regional, e gerou a percepção da importância da resistência da cultura local para as gerações futuras.

Logo após as mulheres foram incentivadas a escreverem frases que representam a atividade do marisco, as suas vivências, sentimentos. Então em poucas palavras descreveram suas vidas e a partir dessas frases houve uma costura de ideias, retalhos de palavras das várias mulheres, que foram elementos cruciais para a composição do coco das marisqueiras.

Para finalizar o momento, todas cantaram a música que as suas falas compuseram, todas foram convidadas a cantar e dançar coco. Uma das mulheres trouxe saias com tecido de chita, elemento colorido que apresenta grande representatividade da cultura nordestina negra.

As saias com o tecido de chita foi bem recebida por várias mulheres, que já a vestiram e foram rodopiar no salão, por outro lado gerou incomodo em algumas mulheres, disseram: “isso é coisa de pobre”; “isso é coisa daquelas negas da Bahia”; “isso é coisa de negro”. A facilitadora aproveitou seu momento de formação para afirmar contando sobre a resistência, a culturalidade e a história que envolve o vestir-se de tecido de chita, e reafirmar que o tecido é mesmo, “coisa de negro”, e foi um momento de grande conhecimento e enegrecimento para as mulheres.

Passado o momento de construção acerca das vestes inerentes a afirmação da identidade negra, as mulheres dançaram e cantaram o Coco das Marisqueiras.

Coco das Marisqueiras

Marisqueira, marisqueira

Pega o marisco no banco de areia (2x)

Na maré baixa pega no trampo

Volta com balde toda faceira

Marisqueira, marisqueira

Pega o marisco no banco de areia (2x)

Fogo de lenha descatemala

Cozinha no coco e saboreia

Marisqueira, marisqueira

Pega o marisco no banco da areia (2x)

A vida é dura e muito difícil

Com esse coco se incendeia.



Fotografia 4: Oficina de Cultura Popular com Vera Lima

- OFICINA DE PLANO DE NEGÓCIO

Esse projeto trabalha com grupos dois grupos de mulheres que compõem a Associação das Marisqueiras, uma é a equipe da cozinha do Centro de Comercialização da Agricultura Familiar (CECAF) e as outras são do grupo de artesanato, trabalham na maré catando o marisco.

Nesse tópico dois grupos serão trabalhados, o grupo 1 abrange as mulheres que integram a equipe da Cozinha e o grupo 2 abrange as mulheres que tem vínculo com a Associação e interesse na implementação da cozinha de beneficiamento de mariscos.

Grupo 1 - Mulheres Marisqueiras da Cozinha do CECAF

O processo dessas mulheres foi diferenciado das demais, a partir do projeto viram oportunidade de empreendimento de gênero alimentício.

Durante as atividades de capacitação e formação político-social e organização dessas mulheres, algumas foram demonstrando interesse em comercializar os alimentos da região, essa ideia surgiu a partir dos próprios encontros na comunidade, a equipe da Cunha organizava os encontros em dois turnos e se alimentavam em restaurantes do local, uma das mulheres em uma conversa com a coordenadora executiva do projeto demonstrou interesse em começar montar estrutura para fornecer o almoço para esses momentos. A ideia então foi

ganhando força e essa passou a ser uma alternativa de geração de renda para as mulheres que se interessaram em participar dessa equipe. Assim que decidiram formar a equipe notaram a necessidade de construir a organização e planejamento.

As marisqueiras pediram auxílio da equipe da Cunhã para planejamento desse negócio. O primeiro encontro foi simples, apenas para conhecer o interesse de todas, planejamento participativo e apresentação breve de pautas dos encontros consecutivos.

A construção da ideia do plano de negócio ocorreu com a participação direta dessas mulheres, todas foram incentivadas a falar e escrever sobre alguns tópicos que compõem a perspectiva geral desse plano. A intenção era gerar então uma ideia do micro para entender a ideia macro desse planejamento.

Daniele Braz é pesquisadora, e atua em projetos de Economia Solidária em que as mulheres são protagonistas, e facilitou os espaços de construção do Plano de Negócio das Marisqueiras.

Buscando compreender o entendimento básico das mulheres em alguns aspectos, Daniele, perguntou o que as mulheres pensavam quando ouviam falar sobre, plano de negócio, controle administrativo, mercado, tipos de mercados, investimento, assim como o lucro e como se organiza o grupo com relação à divisão de tarefas. As respostas e opiniões seguem abaixo sobre cada tópico que foi exposto, de acordo com o entendimento individual de cada mulher envolvida nessa atividade.

Plano de Negócio

Sobre o primeiro tópico proposto, Nadir (presidente da Associação) escreve assim, *“Planejar as coisas antes de acontecer, pesquisar preços, local, se as coisas vão poder acontecer ou não.”*

E. conta que, *“pra mim é primeiro como sabe administrar o local onde você vai começar a trabalhar. Segundo senta em reunião pra dividir as tarefa. Terceiro a organização da equipe que vai trabalhar, etc.”*.

N. descreve ainda que, *“é planejar algo que você quer fazer tipo começa a vender alguma coisa com comida roupa ou outra coisa tem que sentar e planeja pensar o que quer fazer vê os custo quanto que vai gasta o que vai precisar para começar”*.

Controle Administrativo

Quando perguntadas sobre o que entendiam por controle administrativo, T. conta que, *“Administrar é saber o que vai entrar e o que vai sair. Os gastos.”*.

N. escreve que, *“controle administrativo é controlar os gasto do que você trabalha como ter um controle de custo quanto vai sai o que vai ser gasto.”*.

N. diz que, *“eu acho que é uma coisa que tem que ter controle nos gastos, saber aonde fica cada coisa cada pessoa no seu lugar.”*

E. descreve da seguinte forma, *“pra mim é como admistra o dinheiro e onde você esta trabalhando saber e dividir. Pra dispeza pra pagar os funcionário pra contas e o lucro(tira).”*

Mercado

A próxima questão era sobre o que essas mulheres pensavam quando escutavam a palavra mercado e os tipos de mercados.

T. conta que, *“A gente botar os produtos da gente pra revender e vender. Colocar o marisco pra vender.”*, sobre os tipos de mercados, conta que, *“ Restaurante e bar. A gente compra os alimentos e vende comida de marisco.”*

Sobre o mercado E. descreve que, *“pra mim é pesquisar os preço mais encontra e negociar os preço da mercadoria os parceiro de vendas.”* Quanto aos tipos de mercado, E. escreve, *“Mercado de atacado Mercado de variedade Mercado internacional Mercado estadual.”*

Quando essas mesmas perguntas foram feitas para N. , ela escreveu que, *“ mercado é onde vende e compra é também uma forma de comecio onde agente pode encontra o quer precisa é também uma forma de empreendimento.”*, quanto aos tipos de mercado, responde que, *“mercado de frios e carnes mercado de roupas e calçados mercado de alimentos mercado financeiros mercado imobiliário mercado alimentícios mercado de logísticas.”*

Mercado Consumidor

De acordo com as repostas dadas acima, a facilitadora entendeu que precisava reformular a pergunta com relação aos tipos de mercados, então, pediu para que essas mulheres escrevessem o que entendiam por mercado consumidor, fornecedor e concorrente.

Diante desse tópico a participante E. respondeu a questão da seguinte forma, *“As fabricas os feirantes os fabricante da regiões locais, e outros grupos de turismos que vem de outros lugares.”*.

Sobre esse tipo de mercado, N. explanou que, *“ são as pessoas que compra nossa comida clientes da fera, do cecaf como as feirantes e as pessoas que partisintantes da fera, a cunhã, as mulheres marisqueiras e os universitários de Pernambuco.”*.

Sobre essa questão T. conta, que mercado consumidor é, *“turista pessoal local outros restaurantes feirante Anízio Maia.”*.

Mercado Fornecedor

Sobre mercado fornecedor, E. respondeu, *“o que fornece e os supermercado as peixarias as marisqueiras os feirantes os agricultores.”*.

N. respondeu que, *“na peixarias o mercadinho quitanda marisqueiras comercios local tonho da galinha “Neide fornece o ...” as agricultores a energisa zé do gás a feira do cecaf.”*.

T. conta que, *“peixaria mercadinho frigorífico(Tonho da galinha) marisqueira.”*.

Mercado Concorrente

Na última reunião que antecedeu esse momento de construção do Plano de Negócio, Luciana Barbosa, integrante da equipe da Cunhã havia encaminhado uma tarefa para as marisqueiras de ir pesquisar seus possíveis concorrentes, e assim conhecer seus preços, seus diferenciais e assim poder fomentar uma ideia melhor para incorporar nesse negócio. A pesquisa não foi consumada da maneira como encaminhada, mas as participantes conseguiram identificar seus principais concorrentes.

Quanto a essa questão, E. explanou que, *“Os restaurante da regiões, as lachonetes, os bares. E o que esta concorrendo com a gente pra faze o melho.”*.

N. quando perguntada sobre mercado concorrente, conta que, *“Evaristo de frutos do mar, bar de rosa, bar da Fabiana, restaurante do ex eterno gordo.”*.

T. diz que fazem parte da concorrência, *“restaurante e bar”*.

Investimento

Quando perguntadas sobre investimento, E. conta que, *"tiras os das contas de energia e água, tira os das mercadoria, tira os dos crustáceos, soma e divide em partes iguais o restante pra gente do grupo."*

N. respondeu que, *"Nós compramos o que precisa para o comercio e depois paga."*

T. conta que, *"Compra fiado e depois de vender, paga."*

Lucro

Segundo E., *"cada uma tem que tira pra caixinha ou compra algo pra nossa cozinha e fica com o restante."*

N. conta que, *"é dividido em partes iguais."*

T. diz que, *"Soma e divide entre as 7 igualmente."*

Divisão de tarefas

N. diz que, *"T. com suco, N. feijão e marisco, N. com macarrao e arroz, todo mundo faz de tudo um pouco."*

Segundo T., *"N. :lavar prato, T.:suco;limpeza, E. :arroz;macarrão, N. :fazer compras;faz tudo, N.: lagosta;marisco, F. : peixe."* *"Uma vez se reúne e adiantam tudo juntas."*

E. diz que, *"Eu fico responsavel de fazer o arros, N. faze as compras, T. faze o suco, N. o feijão, N. faze o marisco, N. o macarrão, F. o peixes, dividi as tarefas por parte cada uma fica responsavel por faze um atividade."*

Notou-se que a equipe tinha noção dos elementos básicos sobre o Plano de Negócio que foram colocados, e as questões que teriam que lhe dar para conseguirem fomentar um bom planejamento, e mostraram disposição para lhe dar com os detalhes desse Plano.

Criou-se então um grupo auto-organizado dentro da Associação, onde idealizaram e tem tocado para frente o projeto de comercializar almoços que tem como base frutos do mar em uma cozinha no Centro de Comercialização da Agricultura Familiar em João Pessoa, a

equipe das mulheres da cozinha passaram por inúmeras oficinas de planejamento de plano de negócios, e com isso já houve diversos avanços.

Dando continuidade ao espaço, mas em outro momento, os pontos discutidos acerca do Plano de Negócio foram as etapas de produção, organização e planejamento do controle financeiro, e marketing, todos esses pontos que se relacionam com o empreendimento na feira do CECAF.

As perguntas feitas pela facilitadora ao grupo a cerca desses pontos foram, como se dar a produção, a comercialização?

Essas respostas foram dadas pelas marisqueiras enumerando as etapas de produção da cozinha em uma cartolina, e discriminaram logo após as mulheres que desempenham cada etapa.

1. Se reúnem para planejar as compras e ver as despesas (todas ficam responsáveis)
2. Compras (ficam responsáveis por essa etapa, T., E., N., quem tiver disponibilidade)
3. Cozinha os alimentos na casa de N. (todas)
4. Deixa as comidas prontas (uma parte e outra faz na hora)
5. Se organiza para levar para feira (mulheres que vão para feira)
6. O carro para pegar a comida (mulheres que vão para feira)
7. Comercializar (CECAF) (E. , N. , N. e T.)
8. Organiza o espaço (Todas)
9. Organiza o café da manhã (E. , N. e T.)
10. Vende o café até o almoço (E. ,N. ,N. e e T.)
11. Cozinha o que tá faltando (Todas)
12. Faz a limpeza do espaço e equipamentos, recolher as coisas (Todas)
13. Carregam o carro para ir embora (Todas)
14. Descarrega o carro na casa da presidenta da AMA (Todas e quem tiver na kombi)
15. Congela o que for para congelar de alimentos (N.)

Durante a oficina foram traçados alguns objetivos de produção, comercialização e o que planejam para o futuro, e como pretendem conseguir alcançar o objetivo, todos os pontos a seguir foram colocados pelas mulheres.

Produção

- Produzir mais e melhor com mais condições de trabalho para fazer um nome;
- Ter equipamento básico;
- Ter organização melhor da produção;
- Buscar parceiros para comprar equipamentos.

Como conseguir?

- Conseguir produto com preço melhor;
- Trabalhar em equipe, ter mais organização;
- Fazer projeto;
- Sempre se reunir(planejar) – ter grupo unido;
- Procurar os parceiros(buscar).

Comercialização

- Ter restaurante na feira e outro na comunidade;
- Fazer uniforme;
- Divulgar (logo marca) - fazer plano de marketing;
- Fazer eventos.

Como conseguir?

- Ter recursos, organizar, buscar parceiros;
- Parceiros e o grupo fazer;
- Grupo e parceiro fazer banner, folder, encarte;
- Organização, divulgação, trabalhar dentro da possibilidade de produção;
- Construir com Cunhã(parceiros).

Futuro

- Grupo da cozinha ser contratado para eventos;
- Ter uma loja/restaurante.

As mulheres ficaram na incumbência de colocar no papel estratégias de como se organizar, como fazer a contabilidade e listar o que precisam destacando as prioridades. Elas foram incentivadas a pesquisarem sobre esses pontos fazendo uma reunião na Associação.

Fizeram então, uma análise de qualidade, o diferencial que cada estabelecimento possui e a influência que esses pontos exercem no preço, e decidiram pesquisar melhor os preços dos concorrentes e adequar o que fosse preciso melhorar e equilibrar preço e qualidade.

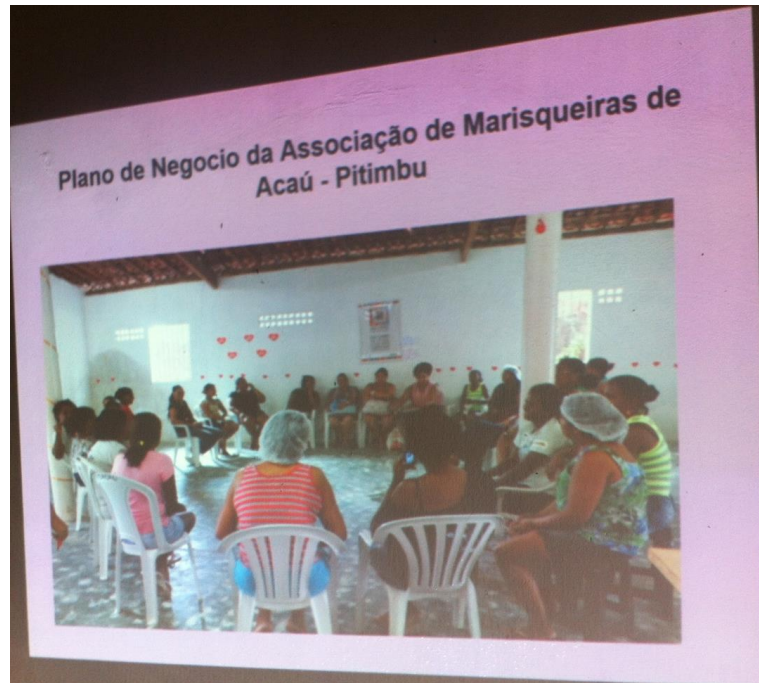
No encontro que sucedeu trouxeram as respostas a seguir, de acordo com as suas percepções de avanços no processo de construção e organização desse grupo da cozinha, expuseram, que: “*a gente se reúne com Nadi pra planejar, conversar e somar.*”. Pontuaram que juntas já conseguiram conquistas como, “*hoje a gente anota tudo que sai, até um cafezinho de vinte e cinco centavos*”.

Foram perguntadas como estão comercializando na feira, e contaram que, “*a gente comprou pratos e talheres no cartão de N.*”. “*Na nossa cozinha ninguém entra sem touca.*”; “*Aprendemos a congelar tudo e depois vender pra não levar prejuízo.*”.

Complementaram dizendo que toda ajuda é bem-vinda, e que aproveitar oportunidades é importante, fizeram menção à Nadi, presidente da AMA, que em uma conversa com um conhecido gerou a possibilidade de ganhar um fogão industrializado para a cozinha na feira. Contaram que precisam de um freezer, e que essa é a prioridade no momento para a cozinha. Desabafaram preocupadas sobre a possibilidade de um dia a prefeitura faltar com o veículo que é cedido para levá-las à feira, e começaram a pensar na possibilidade de doação de um veículo por parte de algum dos parceiros, futuramente.

Essas mulheres vêm evoluindo cada dia coletivamente, e como várias mulheres expuseram em muitos espaços, estão conseguindo trabalhar em equipe.

Continuam com um Box no CECAF, e contam que vislumbram sempre melhorias, mas que essa oportunidade que estão obtendo com essa cozinha, tem gerado experiência com o empreendimento, e retorno financeiro, mas que preferem utilizar os lucros para investirem na melhoria do estabelecimento, por enquanto.



Fotografia 5: Oficina de Plano de Negócio- Slide da apresentação de Dani Braz

Grupo 2- As Marisqueiras da Cozinha de Beneficiamento na Associação

Dentro do projeto que envolve à Cunhã e parceiros, já citado, há o projeto de implementação de uma cozinha de beneficiamento e reforma na estrutura da Associação. Todas foram convidadas na idealização das estruturas, para enumerar sobre as prioridades desse negócio, equipamentos necessários e utensílios indispensáveis para o bom funcionamento de uma cozinha de beneficiamento de mariscos.

A apresentação da instalação da cozinha se iniciou dando destaque as suas vantagens, e deve ser implantada dentro da estrutura física da Associação das Marisqueiras, de acordo com a escolha da maioria dessas mulheres. Entre as vantagens apresentadas para as marisqueiras estão, as possibilidades de melhorar a qualidade do produto através do beneficiamento, padronizar a produção, melhorar os aspectos higiênicos e sanitários, conquistar o selo de garantia, e assim agregar mais valor a ao produto, atualmente desvalorizado na região, e garantir melhores condições de trabalho para todas as marisqueiras.

O selo de garantia demonstra qualidade, e a comercialização da produção se torna mais interessante e rentável. Primeiramente surge a possibilidade de eliminação da figura do atravessador, que compra os mariscos a preços baixíssimos para revenda, havendo uma

mudança nesse aspecto de repasse comercial do produto, a oferta do marisco pode ser feito direto nos supermercados, restaurantes e estabelecimentos que possuem interesse no marisco, com a possibilidade de lucros maiores. E com a presença do selo, a produção pode ser comercializada para os Programas de Aquisição de Alimentos, e outros programas de governo com características afins.

A presença da cozinha na Associação facilita a organização do grupo e melhor controle financeiro. Juntas as marisqueiras tem possibilidade de manter uma oferta de produtos, e poder suprir o possível aumento da demanda.

Todas foram convidadas para escrever ou desenhar os processos envolvidos na atividade do marisco que elas precisam desempenhar desde à coleta até o beneficiamento, esse momento fez com que elas notassem a importância de todas no processo, pois a implantação da cozinha é para benefício geral. Como a atividade envolve diversas etapas como catar o marisco, debulhar, lavar, pesar, cozinhar e ensacar para vender, surgiu a necessidade de criação de uma dinâmica de trabalho no espaço da cozinha.

Dinâmica da Cozinha

Sugerido por elas, a dinâmica das etapas discorreriam da seguinte forma:

- Já sai da maré e vai direto pra associação;
- Uma equipe de 10 mulheres atua durante um turno;
- 5 vão pegar o marisco, levam até a associação e depois vão para suas casas;
- 5 vão debulhar, pesar e ensacar;
- E uma só ficaria responsável pelas anotações com relação ao financeiro.

Todas concordaram com a implantação da cozinha, mas expuseram a questão que quando cozinham e debulham o marisco em casa, conseguem cuidar dos filhos e de casa, então para que tivessem esse tempo, que é crucial para elas, segundo todas as opiniões, decidiram entre si que as marisqueiras que foram para a maré, após deixar a sua coleta na associação, estariam liberadas para ir para casa, e as outras cinco terminariam o serviço, e assim iriam revezando as atividades.



Fotografia 6: Oficina de Plano de Negócio no Salão Paroquial



Fotografia 7: Marisqueira debulhando o marisco



Fotografia 8: Cozimento do marisco

- I ENCONTRO ESTADUAL DE MULHERES NEGRAS RUMO À MARCHA DAS MULHERES NEGRAS EM BRASÍLIA

O I Encontro Estadual de Mulheres Negras- Paraíba Rumo à Marcha contou com a presença das marisqueiras, e também mulheres negras de várias profissões e áreas, que participaram de Grupos de Trabalhos e momentos organizados dentro do evento, toda a temática foi voltada para as questões das mulheres negras no estado e suas demandas. O Encontro ocorreu em João Pessoa entre os dias 31 de Julho e 02 de Agosto de 2015.

O Grupo de Trabalho escolhido pelas representantes das marisqueiras foi, “Mulher Negra e Autonomia e o Mercado de Trabalho”, momento em que expuseram dificuldades encontradas na profissão. Foram escutadas e admiradas por todas as mulheres, devido ao trabalho árduo e a pouca valorização que relataram.

Sem dúvidas foi um encontro extremamente especial para todas as mulheres presentes, foi uma espaço de grandes ideias e lutas contra o racismo, todos os tipos de violência e pelo bem viver.

Esse Encontro resultou em uma Carta das Mulheres Negras da Paraíba Rumo à Marcha em Brasília, que foi encaminhada ao Comitê Nacional da Marcha, apresenta conteúdo valioso e leva em consideração diversas demandas dos direitos das mulheres negras, e suas

lutas. A profissão das marisqueiras foi citada entre as profissões que merecem destaque, atenção e valor, nesse documento.

No último espaço do evento tinha-se a opção de participar de oficinas de dança-afro, de tranças Nagô, maquiagem, meditação ou turbantes. Foi um espaço descontraído e todas cuidaram da beleza de todas.



Fotografia 9: Banner do 1º Encontro Estadual de Mulheres Negras Paraíba Rumo à Marcha/2015



Fotografia 10: Espaço de Apresentação do Encontro



Fotografia 11: Mística de Apresentação do Encontro



Fotografia 12: “Pequena” marisqueira presente no Encontro

No pós-encontro em um momento dentro da Comunidade de Acaú, uma das marisqueiras exaltou a importância de ter participado desse Encontro e a emoção de ter apresentado para as pessoas que estavam presentes o Coco das Marisqueiras, ela conta que: “- *Ai quando a gente cantou lá o povo ficou todo eufórico*”; Se referindo ao encerramento do evento em que as marisqueiras foram convidadas para cantar coco de roda. Continuou dizendo que, “*Pela primeira vez me senti orgulhosa de ser negra*”.

Essa mesma mulher aproveitou o espaço e em forma de desabafo expôs uma questão pessoal e religiosa que vem vivendo na comunidade por participar do grupo de dança do coco das marisqueiras, e anunciou sua saída do grupo, dizendo: “-*Eu to sendo tão criticada, e o que me incomodou foi a crítica (por dançar e ser evangélica). Eu sou muito alvejada porque*

eu brinco com as pessoas, porque eu tenho esse meu jeito e porque eu canto...". . A marisqueira continuou sua fala: “-O que eu fico assim, é porque não é uma dança feia para exibir o corpo. Não tem que trabalhar a religião, tem que trabalhar aqui (apontando para a cabeça) é o próprio preconceito com a cultura negra.” O fato dessa mulher ter notado esse preconceito com relação à cultura negra surge após o Encontro, importante enfatizar que reuniões podem melhorar concepções sobre os fatos que ocorrem no dia a dia, essas falas foram citadas no evento, mas foi em sua comunidade, onde sofre com esses preconceitos que conseguiu dialogar com pessoas que praticam essa discriminação, analiso o fato como um encorajamento que pode ter sido gerado durante o evento.

Sobre o I Encontro Estadual ainda renderam outras memórias, lembrando que no encontro cantaram, dançaram e emocionaram todas as encontristas com a música que representa tanto suas vidas. Devido ao momento que vivenciou uma das marisqueiras propôs levar um momento parecido com o que viveu para a Comunidade. Surgia então a proposta de um espaço com perspectivas de negritude e autoestima para as mulheres.

- OFICINA DE AUTOESTIMA E IDENTIDADE ÉTNICA/ MOBILIZAÇÃO CULTURAL

A oficina teve início no período da tarde do dia 12 de Setembro, contou com a presença de representantes da Cunhã Coletivo Feminista, Suzany Candace como facilitadora da oficina e representante do Levante Popular da Juventude, Comitê Impulsor da Marcha das Mulheres Negras e Carolina Porto, estagiária da Cunhã Coletivo Feminista e também membro do Comitê Impulsor da Marcha das Mulheres Negras na Paraíba.

O espaço foi iniciado com uma dinâmica, onde as mulheres deram as mãos formando uma roda de ciranda para uma integração maior entre essas mulheres. Após esse primeiro momento, todas se apresentaram.

Na oficina que se seguiu foram apresentadas representantes de mulheres negras de lutas e glórias, foram contadas histórias que tecem a colcha de conquistas do povo preto no Brasil e as lutas das mulheres. Buscou-se pontuar a negritude de cada uma dessas personalidades, seus feitos, e a forma que cada mulher preta estava inserida no contexto social e político de suas épocas, foram citadas, Margaria Maria Alves, Dandara dos Palmares, Lia de Itamaracá, Aqualtune, Felipa de Oliveira, Carolina Maria de Jesus, Gertrudes Maria, Ana do

Gurugi, as Heroínas de Tejucupapo, as Quebradeiras de Coco do Maranhão, entre outros nomes importantes, até chegar nas lutas e belezas das guerreiras negras Marisqueiras de Acaú.

Esse momento deu muito sentido à oficina, gerou-se uma reflexão sobre a identidade negra, demonstrar diversas atuações de importância econômica, social, cultural e política é de extrema relevância para o momento de reconhecimento de identidade étnico-racial, se perceber forte sujeito de transformação faz parte do processo, e o objetivo desse momento foi atingido, notou-se que elas se enxergaram, se viram e se reconheceram nas personalidades negras apresentadas.

O último espaço foi reservado para divulgar a I Marcha das Mulheres Negras em Brasília, onde se pontuou a importância das mulheres negras estarem em marcha, os diversos aspectos sobre a luta contra o racismo, contra todas as formas de violências contra as mulheres, dando ênfase às mulheres negras, e o bem viver.

Quando questionadas sobre o que bem viver para elas, mulheres de Acaú, elas colocaram que para viver bem é preciso, música, boa saúde, segurança, cultura, educação, artes e lazer, os mais diversos pontos para uma vida feliz e tranquila foram citados.

Encerrada a oficina, todas as mulheres foram praticar o bem viver, expor seus artesanatos, vender seus quitutes, interagir com a comunidade em um espaço para a cultura e lazer, dançar coco de roda e ciranda, numa manifestação cultural da comunidade de Acaú, e foi um momento muito enriquecedor para o local.



Fotografia 13: Oficina de Auto Estima e Identidade Étnica



Fotografia 14: Momento do espaço de auto estima: O que há de belo na vida? O que há de belo em você?



Fotografia 16: Dança do Coco das Marisqueiras

- MARCHA DAS MULHERES NEGRAS EM BRASÍLIA

Ocorreu em Brasília no dia 18 de Novembro de 2015, a I Marcha de Mulheres Negras – Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver, onde 25 mil mulheres se reuniram em momento político muito importante para a luta das mulheres negras do Brasil.

“As mulheres negras recebem salários menores, têm as funções mais duras e são discriminadas por serem mulheres e negras”, diz Mônica Custódio(2015), secretária de Promoção da Igualdade Racial da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), citado por (Aurélio Ruy, no Portal CTB, 2015).

Dados da Secretaria Nacional de Segurança Pública em 2015, do Ministério da Justiça, mostram que as negras vítimas de homicídios no país são mais que o dobro das brancas. O levantamento Diagnóstico dos Homicídios no Brasil: Subsídios para o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios mostra que para cada 100 mil habitantes 7,2 negras foram assassinadas no ano passado, enquanto o número de brancas foi de 3,2. “Isso mostra claramente que a violência no Brasil tem cor e gênero”, acentua Mônica. Já o levantamento “Retrato das desigualdades de gênero e raça”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mostrou que a taxa de desocupação entre mulheres negras chegava a 12,4%, contra 9,4% entre mulheres brancas, 6,7% entre os homens negros e 5,5% entre os homens brancos, em 2007(citado por, Aurélio Ruy, no Portal CTB, 2015).

Esses dados mostram a necessidade de se fomentar cada dia mais espaços para organização dessas mulheres negras tão expostas à todos os tipos de violências. É necessário a continuação de espaços onde possamos unir nossas forças para alcançar as demandas, que não são poucas para a população negra feminina. Muitas ficam expostas as inúmeras formas de violências, as faltas de oportunidades, a conquista de direitos a passos lentos, ao racismo institucional, a desvalorização profissional, falta de representatividade no poder público e nas mídias, todas essas questões são só alguns pontos que reafirmam a importância dessa união em prol de melhorias para o povo preto.

O site www.marchadasmulheresnegras.com, acentua que “a construção do papel social das mulheres negras é sempre pensada na perspectiva da dependência, da inferioridade e da subalternização, dificultando que nós possamos assumir espaços de poder, de gerência e de decisão, quer seja no mercado de trabalho, quer seja no campo da representação política e social”. Mônica diz que a realização da Marcha das Mulheres Negras transformou-se em nível nacional neste ano justamente para “iniciarmos a construção da mudança desse tipo de mentalidade. O governo federal desde 2003 vem promovendo políticas públicas que ajudam nesse caminho, mas as mentalidades mudam devagar e nós precisamos de todos os meios possíveis para agilizar esse processo”.

As marisqueiras julgaram importante estar nesse espaço, e poder se juntar a outras mulheres para o fortalecimento da luta de todas e das suas lutas. A Marcha contou com a representação das marisqueiras de Acaú. Durante a viagem houve formação política e em Brasília a formação teve continuidade, foi um momento histórico para as mulheres negras do Brasil.

No grupo estava dona Anilza, marisqueira e artesã, utiliza os resíduos advindos do marisco para fazer suas artes, pôde expor suas peças artísticas em uma feira de artesanatos organizada em frente ao alojamento que abrigou as mulheres para a Marcha, junto a tantos outros artistas do Brasil. Vendeu boa parte de sua produção e teve sua arte muito elogiada durante o evento.



Fotografia 17: Registro das Representantes das Mulheres Negras da Paraíba na Marcha das Mulheres Negras 2015 em Brasília-DF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns resultados concretos da luta das marisqueiras podem ser citados, a autoorganização das mulheres, a reforma da estrutura da AMA, a futura construção de uma cozinha de beneficiamento dos mariscos, para a concessão do selo de garantia de qualidade do produto comercializado em Acaú, dentro das Normativas vigentes de higiene, sanidade e comercialização. A idealização e construção de um site que conta a história da AMA e ofertam os produtos alimentícios e do artesanato online que já está no “ar”, e tem recebido inúmeras visitas.

A organização dessas mulheres tem mudado suas vidas em diversos aspectos, percebe-se que muitas dessas marisqueiras se sentem importantes com seu trabalho, se sentem protagonistas no processo de melhoria e transformação no espaço que ocupam, seja ele em casa, na maré, na comunidade, ou nos espaços políticos que vem frequentando. Mulheres guerreiras e empoderadas, cientes de seus valores muda tudo.

O autopertencimento e a autovalorização na razão e no coração de cada mulher, tudo tem a ver com o momento autoorganizado da AMA, é reflexo de lutas e grandes desejos por autonomia, valorização e reconhecimento. *“Tudo que a gente conseguiu até aqui é fruto de suor, de luta, e me deixa muito feliz e satisfeita, mas a gente não vai parar por aqui não.”* Nadi, presidente da AMA.

Essas mulheres foram se ajudam ao longo do processo, e ampliando sua visão após formações políticas, humanas e de trocas de experiências, o coletivismo tem poder transformador nos encontros e nas conexões.

Após um ano e meio de trabalho dentro da Comunidade de Acaú, foi impossível não me envolver ou me emocionar com as histórias de vidas dessas mulheres, me reconheço em cada uma delas.

Foi uma experiência que transcendeu a expectativa de ser uma disciplina acadêmica, foi uma lição de amor coletiva e compartilhada, foram momentos de grandes aprendizagens, de um lado as fortes mulheres da Cunhã e do outro as guerreiras de Acaú.

Terminar o ciclo de formações e pesquisas, facilitando um espaço de negritude, falando de pretas de lutas e glórias e ter essas mulheres como uma das minhas referências, gera sem dúvidas uma sensação de dever cumprido ao ouvir por fim: “Eu sou preta com muito orgulho!”; de uma dessas mulheres.

Ainda nos encontraremos em uma maré cheia de evoluções e bem viver!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAXENBERGER, A. C. e SÁ SOBRINHO, R. G. **A diversidade como princípio dos estudos étnico-raciais**, João Pessoa: Gráfica e Editora Tempo, 2015.

IBAMA. **Projeto de desenvolvimento da mulher na atividade pesqueira**. IBAMA, 1995.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – Ministério do Meio Ambiente – através do link:
<http://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2280-resex-acau-goiana>

KUMMER, Lydia. “**Metodologia participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar. Conceitos, ferramentas e vivências** – Salvador: GIZ, 2007. 115p.

NEIM/IBAMA. **Diagnóstico socioeconômico e ambiental da mulher pescadora no Recôncavo Baiano**. Salvador, 1992.

SANTIAGO, L., ACCIOLY, M. da C. **Trabalho na Lama: Saberes e fazeres de marisqueiras de Garapuá e Barra dos Carvalhos - Ba**. I SEC - Seminário Espaços Costeiros. IGEO - UFBA. Salvador, 2011.

Reportagem de Mercês Ribas Torres, publicada no sítio **Periodismo Humano**, 17-02-2012. A tradução é do **Cepat**. Entrevistada, Vandana Shiva. Disponível on-line em:
www.ihu.unisinos.br

RODRIGUES,A.,AZEVEDO,C.,SILVA,G. **Aspectos da biologia e ecologia do molusco bivalve *Anomalocardia brasiliana* (Gmelin,1791)(Bivalvia,Veneridae)**.

Disponível on-line em <http://www.ufrgs.br/seerbioojs/index.php/rbb/article/view/1540>

